

A História de Jesus Cristo como Narrativa

Marcelo Bolshaw Gomes*

Índice

Introdução	2
1 Referências históricas	6
2 Metodologia	8
3 Análise dos filmes	12
Conclusão	19

Resumo

O presente texto estuda a estória de Jesus Cristo como narrativa mítica e histórica, através de diferentes versões cinematográficas (GIBSON, 2004; HAYES & SOKOLOU, 2000; GREENE, 1973; JEWISON, 1973; RAY, 1961; ZEFFIRELI, 1977; PASOLINI, 1961; ARCAND, 1989; JONES, 1979; e SCORSESE, 1988) e de dois documentários (JOSEPH, 2007; GNOSTIC MEDIA, 2007). O objetivo é demonstrar como algumas adaptações enfatizam mais os aspectos históricos enquanto outras são propositalmente simbólicas e míticas.

Palavras-chave: Narrativas, Cinema, Jesus Cristo.

*Jornalista, doutor em Ciências Sociais e professor de Comunicação da UFRN.

Introdução

DOIS ASPECTOS SE DESTACAM DE IMEDIATO na história de Jesus Cristo: primeiro o fato dela ser a história mais importante do Ocidente em vários aspectos: político, literário, psicológico, econômico – além do religioso. E também que ela é uma história ao mesmo tempo histórica e mítica. Assim como Sidarta Gautama, os orixás africanos e várias outros personagens de narrativas sagradas que foram homens históricos (ancestrais e antepassados de uma comunidade) e se tornaram, pela sua história de vida, entidades simbólicas (deuses ou forças da natureza).

Deste ponto de vista, pode-se dividir as narrativas sobre a história de Jesus em três grupos: as diferentes narrativas que tendem para o aspecto mítico; as narrativas que tendem para o aspecto humano, tentando contar a história como realmente teria se passado; e as narrativas que desejam desconstruir o mito, seja denunciando sua utilização pela igreja seja tentando dar-lhe outro significado crítico ou atual. Com esses parâmetros, selecionamos e classificamos dez filmes sobre este personagem tão ilustre.

No primeiro grupo, que agrega as narrativas do aspecto mítico, relacionamos filmes bem diferentes entre si: *A Paixão de Cristo* (2004) de Mel Gibson – uma interpretação violenta, quase anti-semita e falada em aramaico, que ressalta todo simbolismo da narrativa crística com sangue; *O Homem que fazia milagres* (2000) de Derek W. Hayes e Stanislav Sokolov é uma animação de bonecos e desenhos voltada para o público infantil, em que a ênfase narrativa da história de Jesus está no amor e não no sofrimento e na culpa dela decorrente.

Também pode ser incluídos nesse primeiro grupo o filme: *Godspell* (1973) de David Greene, uma adaptação cinematográfica da Off-Broadway musical *Godspell* criado por John-Michael Tebelak baseada no evangelho de Mateus; que apesar de alguma licença poética em suas dramatizações também reforça a estrutura mítica da história.

No segundo grupo, selecionou-se os filmes como ênfase histórica e no aspecto humano de Jesus: *O Rei dos Reis* (1961) de Nicholas Ray, uma adaptação bem referenciada nos evangelhos, com trilha sonora vencedora do Oscar (Miklos Rozsa) e narração de Orson Welles. *Jesus de Nazaré* (1977) de Franco Zeffirelli, desenvolvido originalmente

como minissérie de TV, é muito longo como cinema (300 minutos). Apesar de 'históricos', ambos acrescentam novos enredos narrativos à trama original da estória dos evangelhos. E o belo e genial *Evangelho segundo São Mateus* (1961), de Pier Paolo Pasolini, que segue o texto a risca e nos mostra um Jesus impulsivo e estourado, demasiadamente humano.

E por último, há também os filmes de desconstrução simbólica da história de Jesus, que podem ser subdivididos em dois grupos: a desconstrução poética, que modifica o enredo da estória em função da mensagem que considera essencial; e os documentários conspiratórios que acreditam que Jesus é um mito solar astrológico construído pela igreja e que nunca teve existência real.

Em *Jesus de Montreal* (1989) de Denys Arcand usa a estratégia da metalinguagem: um grupo de atores encena uma versão heterodoxa da paixão de Cristo e fazem um grande sucesso. A igreja, no entanto, a condena e os atores assumem a personalidade dos personagens na luta para liberar a peça. Bom, então, a narrativa se torna realidade...

Jesus Cristo Superstar (1973) de Norman Jewison, baseado no musical de Andrew Lloyd Webber e Tim Rice, narra a estória de Jesus do ponto de vista de Judas. Apesar de desconstruir completamente a narrativa original tem como ponto alto a expressão dos sentimentos dos personagens (Madalena, Judas, Jesus) de modo bastante interessante e diferente.

A Última Tentação de Cristo (1988) de Martin Scorsese é um filme com roteiro de Paul Schrader baseado no romance homônimo de Nikos Kazantzakis. É uma instigante revisão da vida de Cristo à luz não das suas virtudes divinas, mas das suas fraquezas humanas. O filme conta com as participações de David Bowie como Pôncio Pilatus e de Harry Dean Stanton como o apóstolo Paulo; a trilha sonora de Peter Gabriel, com participação de percussionistas brasileiros na cena do batismo do Jordão.

A Vida de Brian (1979) de Terry Jones é uma comédia inteligente do grupo Monty Python sobre a estória de Jesus Cristo. Apesar do humor rasgado, em nenhum momento o filme é ofensivo ao cristianismo, preferindo gozar dos costumes dos judeus e dos romanos, do momento histórico, etc. A vida de Brian é paralela a de Jesus – e este artifício permite uma crítica indireta a vários lugares comuns do contexto de

outras narrativas (como a hilária Frente Popular Judaica, sátira às seitas revolucionárias dos filmes *Reis dos reis*, *José de Nazaré* e *O homem que fazia milagres*).

Há milhares de filmes sobre a história de Jesus Cristo, para agradar todos os gostos estéticos e estilos religiosos e que podem ser classificados segundo outros critérios. Por exemplo: o primeiro filme foi *La vie et la passion de Jésus-Christ* (1903) de Georges Hatot y Louis Lumière; no cinema mudo, o filme que mais se destacou foi *O Rei dos Reis* (1927) de Cecil B. DeMille; o filme sobre a vida de Jesus com maior bilheteria foi *A Maior História Jamais Contada* (1965) de George Stevens. Esses filmes, apesar de importantes, não entraram neste estudo.

Nosso objetivo é demonstrar algumas adaptações enfatizam mais os aspectos históricos e humanos enquanto outras são mais simbólicas e míticas, quando não ideológicas como no caso de Gibson. Trata-se de um estudo de narrativas audiovisuais da estória e não de uma interpretação teológica ou de uma análise histórica. Neste sentido, para polarizar a discussão que apresentamos aqui, relacionamos ainda dois documentários que afirmam, que Jesus nunca existiu de fato, sendo uma construção mítica engendrada a partir de outras narrativas: *Zeitgeist* (2007) de Peter Joseph e *A Inquisição Farmacrática* (2007) produzido pela Gnostic Media.

Zeitgeist afirma que Jesus Cristo é um mito solar e que a Bíblia se trata de uma miscelânea de histórias baseadas em princípios astrológicos. As comparações do filme sugerem que a história de Jesus foi baseada em várias outras estórias de deuses mais antigos, principalmente, de Hórus, o deus sol do antigo Egito¹. Hórus nasceu a 25 de

¹ Este atributos de Hórus, originais ou não, parecem influenciar várias culturas mundiais, e muitos outros deuses solares encontrados com a mesma estrutura mitológica. Attis, da Phrygia, nasceu da virgem Nana a 25 de dezembro, crucificado, colocado no túmulo 3 dias depois, ressuscitou. Krishna, Índia, nasceu da virgem Devaki com uma estrela no Ocidente a assinalar a sua chegada, fez milagres em conjunto com os seus discípulos, e após a morte, ressuscita. Dionísio da Grécia, nasce de uma virgem a 25 de dezembro, foi um peregrino que praticou milagres tais como transformar a água em vinho, e é referido como "Rei dos Reis, Filho pródigo de Deus, Alpha e Omega," entre muitas outras coisas. Após a sua morte, ressuscitou. Mithra, da Pérsia, nasceu de uma virgem a 25 de dezembro, teve 12 discípulos e praticou milagres, e após a sua morte foi enterrado, e 3 dias depois ressuscitou. Curiosamente, o dia sagrado de adoração a Mithra era a um domingo.

dezembro da virgem Isis-Meri. O seu nascimento foi marcado por uma estrela a leste, seguida por três reis. Aos 12 anos era uma criança prodígio e aos 30 foi batizado por Anup. Tinha 12 discípulos e fez milagres tais como curar os enfermos, ressuscitar mortos e andar sobre a água. Depois de traído por Tifão, Hórus foi morto crucificado, enterrado e ressuscitou três dias depois.

O documentário salienta que “existiram” inúmeros salvadores nascidos de uma virgem num 25 de dezembro, que tiveram 12 discípulos, morreram e ressuscitaram após 3 dias, uma vez que esses elementos narrativos são de natureza astrológica. A estrela de Belém e os três reis referem-se à posição constelação das três marias durante o mês de dezembro. Também os três dias do solstício do inverno (de 21 a 24 dezembro) marcariam a morte e a ressurreição do sol na constelação do Cruzeiro do Sul. A Virgem maria seria uma referência à constelação de Virgem; a traição do Judas, à de Escorpião; aliás, os 12 discípulos representariam as 12 constelações do Zodíaco por onde o astro rei transita durante o ano.

A *Inquisição Farmacrática*² é um filme semelhante a *Zeitgeist* que, além de afirmar que a estória de Jesus é mítica (aprofundando os argumentos astrológicos com animações gráficas sobre a relação entre o simbolismo cristão e o movimento os movimentos de translação e precessão do sol pela elíptica do zodíaco) apresenta ainda a polêmica hipótese da influência do xamanismo e do uso de cogumelos psicoativos no Cristianismo.

Tanto para *A Inquisição Farmacrática* como para *Zeitgeist*, não apenas a história de Jesus, mas toda a Bíblia é um compendio de referências astrológicas, principalmente se referenciada no “conceito de Era” (equivalente a 2.150 anos) e no movimento de precessão dos equinócios, o deslocamento do eixo da terra em relação à elíptica zodiacal no sentido contrário, segundo o qual a constelação a leste do céu ao nascer do primeiro dia (06:00) do equinócio da primavera muda a cada dois

² O documentário se baseia nos livros *The Sacred Mushroom and the Cross* (O cogumelo sagrado e a cruz) e *The Dead Sea Scrolls and the Christian Myth* (Os Pergaminhos do Mar Morto e o Mito Cristão) de John Allegro. Neste livro, Allegro expõe os fundamentos do Cristianismo não apenas como derivado da astroteologia, mas ele também expõe que muito da mitologia cristã está firmemente enraizada em cultos de fertilidade e uso de substâncias psicodélicas, especialmente do cogumelo *Amanita Muscaria*.

mil anos. Assim: de 4.300 A.C. a 2.150 A.C., passamos pela Era do Touro; com advento de Moisés, de 2.150 A.C. ao ano 1, vivemos a Era de Aires; com Jesus, do ano 1 a 2.150 D.C., iniciamos a Era de Peixes; e por volta de 2.150, entraremos na Era de Aquário.

Tais datas, no entanto, não correspondem nem aos trânsitos astrológicos clássicos³; nem ao céu astronômico real; nem tão pouco aos registros históricos arqueológicos (possivelmente, Jesus não nasceu no ano um⁴). Os documentários cometem o mesmo erro que denunciam: são uma miscelânea de vários discursos que apenas vestem antigas polêmicas com roupas novas.

1 Referências históricas

Na verdade, essa polêmica entre o mítico e o histórico remete às primeiras heresias cristãs e a definição da dupla natureza (divina e humana) de Jesus Cristo pelo Concílio de Calcedônia, em 451. Já a inexistência histórica de Jesus foi defendida pela primeira vez por Bruno Bauer (1809 – 1882). Para ele, o Cristo foi um mito estabelecido no século II, a partir da fusão de elementos das teologias judaica, grega e romana. Suas ideias foram mais recentemente popularizadas por escritores como George Albert Wells, Robert M. Price e Earl Doherty.

Em contrapartida, há também um grande número de pesquisadores em busca do Jesus histórico usando os métodos de crítica histórica e sociológica, além da análise literária não-religiosa.

As fontes textuais sobre a vida de Jesus podem ser agrupadas em quatro categorias: 1) livros apócrifos (que podem ser subdivididos em

³ A Era de Aquário começa em 2638 d.C. (Elsa M. Glover), 2654 d.C. (Max Heindel), 2680 d.C. (Shepherd Simpson) ou 2009 d.C. (Renê Müller).

⁴ A arqueologia estima que Jesus nasceu entre 7-2 AC e morreu entre 26-36 DC. Não há evidência histórica atual demonstrando a data de Nascimento de Jesus. O calendário gregoriano é baseado em uma tentativa medieval de contar os anos desde o nascimento de Jesus, que foi estimado por Dionysius Exiguus entre 2 AC e 1 DC. O evangelho de Mateus afirma que o nascimento aconteceu durante o reinado de Herodes, que morreu em 4 DC, sugerindo que Jesus pudesse ter até dois anos de idade quando ele teria ordenado o Massacre dos inocentes. O autor do evangelho de Lucas similarmente coloca o nascimento de Jesus como tendo ocorrido durante o reinado de Herodes, mas afirma que o nascimento aconteceu durante o Censo de Quirino das província romanas da Síria e Judeia, o que geralmente se crê ter acontecido em 6 DC, ou seja, uma década depois da morte de Herodes.

vários tipos); 2) Fontes históricas não-cristãs (o historiador Flávio Josefo de Jerusalém oferece um relato crítico de Jesus e dos primeiros cristãos; o governador da Judéia, Públio Léntulo, dirigiu carta ao Senado Romano no ano 32, com um retrato falado de Jesus; há uma tríplice sentença de morte por crucificação na pascoa, assinada por Pôncio Pilatos, com a data ilegível, existe um registro civil no censo romano⁵ em 8 A.C. de um tal *Yeshua ben Yoseph de Nazaré*); 3) As cartas de São Paulo (Saulo de Tarso), escritas aproximadamente entre 51 e 63; e 4) os quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João).

Há ainda os manuscritos do Mar Morto⁶ – citados tanto pelos que não acreditam na historicidade de Jesus como mais uma prova de sua existência. Aliás, na atualidade, diversas escolas com diferentes pontos de vista sobre a confiabilidade dos evangelhos e a historicidade de Jesus têm se desenvolvido. Há um verdadeiro cipoal teórico e teológico em torno da estória de Jesus. Isto para não falar de literatura (O Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago, ou da saga Operação Cavalo de Troia, de Juan José Benítez, só para citar dois trabalhos conhecidos) ou das diferentes matizes espiritualistas modernas, que escrevem sobre a vida de Jesus sem nenhum compromisso com a história ou com a versão oficial da igreja, como, por exemplo, os livros que trabalham

⁵ Lucas afirma que o nascimento de Jesus no quinto ano de Tibério. Além disso, teria nascido em Belém e não em Nazaré (como diz o registro), devido ao massacre das crianças pelo primeiro Herodes.

⁶ Os Manuscritos do Mar Morto formam uma coleção de cerca de 930 documentos descobertos entre 1947 e 1956 em 11 cavernas próximo de Qumran, uma fortaleza a noroeste do Mar Morto, em Israel (em tempos históricos uma parte da Judeia). Estes documentos foram escritos entre o século III a.C. e o primeiro século depois de Cristo em Hebraico, Aramaico e grego. A maior parte deles consiste em pergaminhos, sendo uma pequena parcela de papiros e um deles gravado em cobre. Os manuscritos do Mar Morto foram classificados em três grupos: escritos bíblicos e comentários, textos apócrifos e literatura de Qumram. Os textos são importantes por serem mil anos mais antigos do que os registros do Velho Testamento conhecidos até então e por oferecerem uma vasta documentação inédita sobre o período em que foram escritos revelando aspectos desconhecidos do contexto político e religioso nos tempos do nascimento do Cristianismo e do judaísmo rabínico. Os pergaminhos contem pelo menos um fragmento de todos os livros das escrituras hebraicas, exceto o livro de Ester. Além de fragmentos bíblicos, contem regras da comunidade, escritos apócrifos, filactérios, calendários e outros documentos.

com a hipótese de Jesus ter sido essênio e sobre sua suposta viagem ao Egito e à Índia entre os doze e 30 anos.

E o que realmente sabemos sobre Jesus?

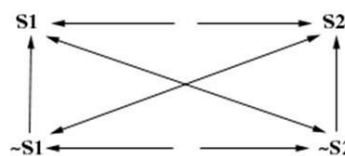
Do ponto de vista histórico sabemos que chamava “Jesus filho de José de Nazaré”, nascido entre 8 e 4 A.C., que foi carpinteiro como o pai e morreu entre 29-36 D.C., devido sua atividade de rabino e profeta itinerante.

E do ponto de vista simbólico, Jesus é a encarnação de Deus e seu Filho, que teria sido enviado à Terra para salvar a humanidade. Ele é o protagonista de um único ato e intransferível, pelo qual o homem adquire a capacidade de deixar a sua natureza decaída e atingir a salvação. Tal ato é consumado com a ressurreição de Jesus Cristo. A ressurreição é, portanto, o fato central do cristianismo. Como ato, é exclusivo da divindade e indisponível ao homem. De forma mais precisa, a encarnação, a morte e a ressurreição compensam os três obstáculos que separam Deus do homem para simbologia cristã: a natureza, o pecado e a morte. Pela encarnação do verbo, a natureza divina se faz humana; pela morte de Cristo, se vence o pecado; e por sua ressurreição supera-se a morte.

2 Metodologia

Para Greimas, a semiótica não é a teoria do signo, mas da significação, visto que o signo só interessa na medida em que participa de um sistema semiótico, compondo uma tessitura de sentidos, o texto. O texto estrutura-se a partir de um percurso gerativo de sentido compreendido por *estruturas profundas*, que determinam as condições de existência dos objetos semióticos e os espaços em que a significação se organiza sob a forma de oposições; *estruturas discursivas*, que estabelecem as relações entre as ações narrativas; e *estruturas superficiais*, em que as formas discursivas produzem e organizam os significantes. No caso da narrativa crística, os filmes sobre Jesus são as estruturas narrativas de superfície; os textos dos evangelhos são as estruturas discursivas; e a trama arquetípica, a relação entre as imagens psíquicas, corresponde à estrutura narrativa profunda.

O quadrado semiótico de Greimas consiste na representação visual da articulação lógica de uma qualquer categoria semântica. Nele, se situam o Herói (S1), seu Ajudante (S2), seu Adversário (~S1) e a Sociedade (~S2) em torno do objetivo a ser alcançado. A partir deste modelo as estruturas profundas emergem nas estruturas discursivas (no texto evangélico) e nas estruturas narrativas de superfície (na linguagem audiovisual).



As linhas bidirecionais contínuas representam uma relação de contradição, as bidirecionais tracejadas uma relação de contrariedade e as linhas unidirecionais uma relação de complementaridade.

S1/S2	eixo dos contrários	protagonista x antagonista
~S1/~S2	eixo dos sub contrários	ajudante x sociedade
S1/~S1	esquema positivo	protagonista & ajudante
S2/~S2	esquema negativo	antagonista & sociedade
S1/~S2	deixa positiva	protagonista + sociedade
S2/~S1	deixa negativa	antagonista + ajudante

Em uma perspectiva mais psicológica, no entanto, o herói ou protagonista da narrativa corresponde ao ego projetado pelo narrador com o qual o leitor se identifica. O antagonista corresponde à sombra psicológica, à carga de negatividade utilizada na estória. O ajudante é substituído pelo 'sagrado feminino' ou par romântico; e a sociedade é substituída pelo Self, o narrador/leitor da narrativa. E essa estrutura nos permitirá observar os vários elementos singulares da estória de Jesus.

Em primeiro lugar, em relação ao conflito central da narrativa (S1/S2) é determinar quem é o antagonista: Herodes, os romanos, Judas, Satanás? Existem diferentes ênfases narrativas. Alguns preferem culpar os judeus, outros aos romanos. No entanto, o antagonista final é o mundo – segundo o próprio Jesus. Satanás é apenas uma representação interior do mundo que precisa ser superado.

O conflito secundário (~S1/~S2) entre o narrador e os elementos favoráveis ao protagonistas apresentam várias possibilidades. O caso de Judas é particularmente intrigante, uma vez que não ficam claros os

motivos de sua traição – como veremos adiante nas diferentes interpretações dos filmes selecionados.

Os esquemas positivo (**S1/~S1** – protagonista e anima/animus) e negativo (**S2/~S2** – antagonista e o narrador) da narrativa nos permitem dimensionar como os elementos narrativos se organizam. Por exemplo: podemos ver, em cada filme, como é a relação de Jesus com Judas e com Madalena em contraste com a escolha do vilão pelo narrador (o Império Romano, os sacerdotes do templo, satanás, etc).

A análise da diagonal positiva (**S1/~S2**) nos revela que se trata de uma narrativa em que o protagonista é o Self e não o ego. Trata-se da estória do 'verbo encarnado' e não de um homem que alcança a fusão com a divindade (como em outras narrativas iniciáticas). Em contrapartida, o ego do leitor é induzido pelo narrador ao constrangimento: "Matamos o Salvador", ou melhor: nosso ego mata nossa luz e mesmo assim ela consegue nos iluminar – eis o sentido oculto nesta inversão narrativa entre o Eu e sua representação narrativa no herói. E mais: em outras narrativas trágicas ou nos cultos a Dionísio (em que também existiam essa mesma inversão e um desfecho com morte e ressurreição) a ênfase era na catarse do público e não no seu constrangimento ético – e não no sentido apontado por Nietzsche na *Origem da Tragédia*. O 'efeito de sentido' das narrativas de redenção nos dois casos são bem diferentes. A tragédia arcaica e os cultos em que se martirizavam os protagonistas se assemelha mais a malhação de Judas, um tradição popular da semana santa em vários países, do que a paixão de Cristo. No primeiro caso, trata-se de um bode expiatório (expressão alegórica oriunda de um fato literal: nos rituais de magia negra, um bode ocupava o lugar simbólico do Cristo e era imolado para expiar os pecados dos participantes. e os participantes se sentem bem ao final porque liberaram suas emoções em catarse. No caso da narrativa da paixão, no entanto, ao final as pessoas se sentem mal, constrangidas pela injustiça que presenciaram (e/ou então, revoltadas com os vilões da estória).

E, finalmente, a análise das diagonal negativa (**S2/~S1**) ressalta que o sagrado feminino na estória de Jesus, em um ambiente patriarcal que prega a renúncia aos desejos, é oculto e hiper sublimado. Comparando a estória de Jesus a de *Hamlet* de Shakespeare, observa-se diferenças sutis em relação ao feminino. Ambos lutam por um pai verdadeiro contra um pai usurpador, renunciando ao feminino em função desta luta de

reparação, porém enquanto Hamlet rejeita Ofélia para se vingar, Jesus realiza seu destino místico sem desejos ou aversões. Dando a César o que é dele e não se envolvendo com política, a narrativa crística deixa claro que seu reino não é material e que ele não aspira a posição de reformador do mundo. A matéria, a mãe, Madalena, o corpo, o sagrado feminino não são subestimados em função do poder, são preservados e ocultos no silêncio.

É claro que há várias interpretações sobre esses pontos. E é isso que se quer observar nos filmes selecionados: como esses elementos narrativos (a relação ego-self, o antagonista e o sagrado feminino) da estrutura arquetípica foram tratados pelos discursos audiovisuais das adaptações. Antes, no entanto, é preciso detalhar as fontes da narrativa original – a estrutura textual – nas quais os filmes foram baseados.

Biografia de Jesus pelo Novo Testamento⁷

-
-
1. Prólogo teológico (João 1:1-18)
 2. Genealogia de Jesus (Mateus 1:1-17) (Lucas 3:23-38)
 3. Anunciação a José (Mateus 1:18-25) Anunciação a Maria (Lucas 1:26-38)
 4. Preparativos para o nascimento (Mateus 1:25-2:1) - Nascimento (Lucas 2:1-20)
 5. Epifania (Mateus 2:1-12)
 6. Circuncisão e Apresentação no templo (Lucas 2:22-39)
 7. Fuga para o Egito e Massacre dos bebês por Herodes (Mateus 2:13-23)
 8. Jesus no templo (Lucas 2:41-50)
 9. Batismo de Jesus e tentação no deserto (Mateus 3:13-4:11) (Marcos 1:9-13) (Lucas 2:21-22 e Lucas 4:1-13)
 10. Ministério público (Mateus 4:12-20,34 e Mateus 21:18-25,46) (Marcos 1:14-10,52 e Marcos 11:20-13,37) (Lucas 4:14-19,27 e Lucas 20:1-21,38) (João 1:35-12,50 e João 13:31-17,26) «Palavras e atos, sinais e maravilhas» (Romanos 15:18-19)
 11. A entrada em Jerusalém (Mateus 21:1-11) (Marcos 11:1-10) (Lucas 19:29-44) (João 12:12-15)

⁷Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. Verbetes: Jesus.

12. Última Ceia e Eucaristia (Mateus 26:26-29) (Marcos 14:22-25) (Lucas 22:15-20) (João 13:1-11) (1 Coríntios 11:23-26)
 13. Prisão, Julgamento e Crucificação (Mateus 26:30-27:66) (Marcos 14:32-15:47) (Lucas 22:39-23:56) (João 18:1-19:42)
 14. Ressurreição e aparições (Mateus 28:1-20) (Marcos 16:1-20) (Lucas 24:1-49) (João 20:1-31)
 15. Aparições na Galileia (João 21:1-25)
 16. Ascensão de Jesus (Marcos 16:19) (Lucas 24:50-53) (Atos 1:6-11)
-

O quarto Evangelho, o de João, provavelmente o único dos quatro Evangelhos canônicos escrito por uma testemunha ocular (o evangelho de Mateus foi escrito depois com base na tradição oral), uns 60 anos após os acontecimentos relatados e, por sua ênfase simbólica, fala pouco de Jesus⁸.

O grande campeão dos roteiristas é o Evangelho de Mateus. Ele é a coluna dorsal da maioria das narrativas audiovisuais sobre a estória de Jesus, complementado diferentemente por trechos extraídos de Lucas e Marcos. Apenas Zeffirelli e Gibson utilizam o texto de João.

3 Análise dos filmes

A Natividade é um tema desenvolvido por Lucas e Mateus de modo desigual – com datas discordantes e conteúdos complementares. Há também diferenças estilísticas. Para Mateus trata-se de uma profecia sendo cumprida, a história real que ele conta confirma as estórias míticos sobre o messias. Já Lucas tem um enquadramento mais histórico, clássico, helênico – semelhante ao estilo de Paulo.

A maioria dos filmes selecionados começa a estória de Jesus com o Batismo de Jordão, ignorando seu nascimento, infância e o período em que supostamente teria viajado pelo oriente. Apenas *Jesus de Nazaré*, *O Rei dos reis* e *A Vida de Brian* apresentam o tema da natividade. O primeiro, muito detalhista, utiliza-se tanto de Lucas quanto de Mateus e

⁸ Ele começa com o nascimento do verbo e não do homem e prossegue de forma descontínua por vinte e um capítulos, possivelmente seguindo o simbolismo das letras hebraicas na Cabala. O Apocalipse, por sua vez, tem 22 capítulos e corresponderia a vigésima segunda letra, se encaixando no evangelho.

dá destaque a personagens como São José e Zacarias. O segundo narra o evento entrelaçado à trama histórica da luta entre Roma e a rebelião dos judeus. Já Brian nasceu em um estábulo vizinho ao de Jesus em Belém e foi visitado, por engano, pelos três reis magos, antes que encontrassem o recém-nascido que procuravam.

Todos os três Evangelhos sinóticos e praticamente todos os filmes selecionados nessa análise descrevem o batismo de Jesus por João Batista, nas margens do rio Jordão; seguido pela tentação por Satanás no deserto. No filme *O Homem que fazia milagres* há dois tipos de animação: os bonecos representando a realidade histórica e a animação de desenhos para momentos descontínuos (sonhos, lembranças, parábolas contadas por Jesus). O batismo é animado por bonecos e a tentação, em desenho animado. Em algumas adaptações, satanás é onipresente em toda narrativa e a tentação se dá em vários momentos. *A Paixão de Cristo* de Mel Gibson, por exemplo, Satanás espreita durante toda narrativa. No entanto, é *A última tentação de Cristo* em que Satanás ocupa o lugar de antagonista principal durante toda narrativa. O nome do filme inclusive se refere a uma tentação no final da estória, com Jesus na Cruz, durante poucos segundos, entre as frases 'Pai, porque me abandonaste' e 'Está consumado' – quando Satanás convence Jesus a desistir de seu martírio. Jesus desce da Cruz e passa a ter uma vida normal. Casa-se com Maria Madalena, que morre em seguida, e, após algum tempo com outra mulher. Encontra Paulo no caminho para Damasco, após a visão, e o chama de farsante por proclamar a sua divindade. Mas depois, Jesus percebe de que se trata de uma tentação de Satanás, volta do transe para Cruz onde morre.

A versão mais interessante de todas, no entanto, é a do filme *Jesus de Montreuil*, em que Satanás toma a forma de um produtor que deseja promover a peça da paixão de Cristo e planejar a carreira do ator principal. O produtor leva o jovem ator ao alto de um arranha céu e promete que, juntos podem sair da obscuridade e conquistar o mundo. O ator, no entanto, não tem ambições com dinheiro, poder e sucesso – só com sua arte.

O batismo e a tentação marcaram o início do ministério público de Jesus, em que proclamou a proximidade do Reino de Deus e fez vários milagres, como andar sobre a água, transformar água em vinho, curas, exorcismos e ressuscitação de mortos. Jesus desenvolveu seu ministério

principalmente na Galileia, tendo feito de Cafarnaum uma de suas bases evangelísticas e se deslocando várias vezes a Tiberíades pelo Mar da Galileia, chegando a passar brevemente por Tiro e por Sidom, cidades da Fenícia. Esteve também em várias outras cidades na Samaria e na Judeia, sobretudo em Jerusalém logo antes de sua crucificação.

O *Rei dos reis* é o único filme em que essa movimentação geográfica fica clara para espectador. Há um relatório cronológico dos espíões romanos das atividades de Jesus, com detalhes dos milagres e curas que não são mostrados nessa adaptação, que é lido para Pilatos e Herodes. Ele também é o filme com a melhor contextualização histórica, começando com as revoltas judaicas anteriores contra o império romano, principal antagonista desta adaptação, e com a situação política e social da Judeia. Barrabás é um líder revolucionário, que com a ajuda de Judas, quer convencer Jesus a encabeçar uma revolta contra Roma e se declarar Rei dos Judeus.

Observe-se que quanto mais procura-se fazer um enquadramento histórico, com foco nos seres humanos reais, mais se insere enredos secundários na estória original. E o mais interessante é que esses novos enredos secundários ocupam as entrelinhas da estória original, completando-a e não contradizendo-a. É como se Ray descobrisse as peças que faltam de um quebra-cabeça incompleto, explicando melhor a estória original, dando-lhe mais verossimilhança histórica e humana. Seu foco principal é a luta entre o Império Romano e a rebelião judaica.

Jesus de Nazaré também escreve enredos nas entrelinhas, mas sem um foco tão político no enquadramento histórico. Em compensação há uma pesquisa extensa da cultura hebraica da época. A vida de Jesus é ambientada nos costumes e hábitos religiosos da época. É um filme mais centrado no pessoa de Jesus e, muitas vezes, cria superposições inteligentes entre enredos diferentes dos quatro evangelhos. Por exemplo: há um desentendimento entre Pedro e Mateus, porque um era pescador e o outro, cobrador de impostos para os romanos. Jesus soluciona o conflito contando a parábola do filho pródigo e Pedro se arrepende. No filme de Zeffirelli, Barrabás também é um líder revolucionário, mas não conta com a ajuda de Judas – que trai Jesus porque é enganado pelos sacerdotes do templo. Esses, os antagonistas desta versão, temem que Jesus se una aos romanos

O grande segredo de *A vida de Brian* como filme humorístico é que

ele não ridiculariza Jesus ou o Cristianismo, mas os filmes feitos sobre a vida do personagem. Por exemplo: boa parte da população judaica apoiava o Império Romano. Os romanos trouxeram estradas, comércio, o aqueduto e vários outros benefícios. A existência de judeus revolucionários e de um clima de uma improvável insatisfação com Roma é completamente ridicularizada pela Frente Popular Judaica e pelo seu Messias político, Brian.

O *Sermão da Montanha* é, na minha opinião, o texto chave da doutrina cristã. É nele que Jesus é mais radical, que sua crítica ao mundo se torna mais visível. E o aproveitamento deste texto revela muito sobre o pensamento político de cada adaptação cinematográfica da vida de Cristo. Pasolini, por exemplo, com seu Jesus semi revolucionário faz uma cena rápida com as Bem-aventuranças e utiliza seu texto do sermão em outros momentos da narrativa. Pode-se dizer que o filme é um 'grande sermão da montanha', com fotografia em P&B, planos abertos e longos, olhares profundos (lembrando muito Gláuber Rocha). Já o musical *Godspell* dilui o Sermão em teatralizações e músicas, evitando a situação de uma pregação radical contra a sociedade.

Pode-se dizer que *Godspell* está para os Beatles (a música é pop; o clima, psicodélico) enquanto *Jesus Cristo Superstar* está para os Rolling Stones (a música é rock; e o ambiente, surrealista). *Godspell* é bem comportado e segue a risca o texto evangélico e *Jesus Cristo Superstar* é uma desconstrução simbólica do mito pelo o aspecto humano, narrada por Judas.

O personagem de Judas é de longe o mais polêmico e complexo rendendo um maior número de interpretações sobre suas motivações. Geralmente, há dois opostos: Judas fez o que tinha que fazer e as trinta moedas. Quem opta por uma explicação política ou teológica da traição de Judas não consegue explicar as 30 moedas de prata. Por outro lado, se ele recebeu o suborno, as motivações políticas e religiosas não fazem sentido.

O Judas de *O Rei dos reis* é um homem dividido entre Jesus e Barrabás. Trai Jesus por acreditar que ele irá derrotar os romanos. O Judas de *Jesus de Nazaré* é ingenuo e tolo, sendo enganado pelos sacerdotes do Sinédrio. Após a prisão de Jesus, ele procura os sacerdotes a quem denunciou seu mestre dizendo: "Preciso participar desta reunião que haverá entre Jesus, Herodes e Pilatos" e o sacerdote ri e diz:

“Não é reunião. É um julgamento. Seu mestre está sendo acusado de blasfêmia” e lhe dá, para seu espanto, as trinta moedas de prata. Já o Judas de *O homem que fazia milagres* é ambicioso e pergunta: “Quantas moedas vou ganhar se entregar Jesus?” Em *Godspell*, João Batista e Judas são feitos pelo mesmo personagem que trai Jesus por inveja.

Em *Jesus Cristo Superstar*, Judas considera Jesus um farsante e quer desmascará-lo. Para ele, Jesus morreu porque assim quis. Ele incomodava judeus e romanos por ser uma celebridade espiritual e morreu porque deseja se eternizar seu carisma, ‘um fantoche ingenuo’ da própria vaidade. Nele, não há contradição entre as 30 moedas e o papel que deve cumprir. Porém, depois que Jesus denunciado perde a sua popularidade, inclusive entre os apóstolos, Judas se arrepende da traição e se enforca em uma narrativa emocionalmente convincente. O filme também dá voz e relevo a personagem de Maria Madalena e a seus sentimentos ambíguos em relação a Jesus, através de um canção. Também Pilatos, Judas e o próprio Jesus antes da prisão, tem seus possíveis sentimentos retratados em músicas expressivas.

No filme *A última tentação de Cristo*, Judas é o melhor amigo de Jesus, um carpinteiro que faz cruces para os romanos – que o recrimina e não compreende seus surtos psíquicos, em que ouve a voz de Deus. Esse Jesus, inseguro e patético, conhece a prostituta Maria Madalena e se apaixona platonicamente por ela que o considerada um maluco.

Nessa narrativa Judas também é revolucionário e recebe ordem dos zelotes para matar Jesus. Mas, após o mal sucedido apedrejamento e conversão de Madalena, decide seguir Jesus, mesmo sem concordar com sua promessa de um reino espiritual. Este, no entanto, pede para Judas lhe mate, para que possa cumprir seu destino.

Segundo os quatro evangelhos, Jesus foi com seus seguidores a Jerusalém para celebrar ali a festa da Páscoa. Ele entrou na cidade no lombo de um jumento e foi recebido por uma multidão. Alguns o saudaram como o rei dos judeus. As adaptações mais realistas usaram centenas de figurantes, mas a cena das crianças cantando e acenando com ramos de Pasolini é de uma beleza impar. Nas conspirações das adaptações mais históricas (*O Rei dos reis e Jesus de Nazaré*), tratava-se de boa oportunidade política para fazer uma manifestação contra Roma e incitar o povo à revolta.

Segundo os sinóticos, Jesus celebrou a páscoa judaica com seus

apóstolos, dando-lhe um novo significado. Durante a comemoração, é instituída a Eucaristia em que Jesus serve o pão como sua carne e o vinho como seu sangue, “o sangue da nova aliança, que será derramado para a remissão dos pecados”. Todos os filmes narram o episódio. Além dos sinóticos, Zeffirelli e Gibson utilizam ainda o texto de João⁹.

Zeffirelli abre a Santa Ceia em uma bela cena com o Pai-nosso dançado e cantado em aramaico. *A Paixão de Cristo* de Mel Gibson retrata apenas as últimas doze horas da vida de Jesus. Começa logo depois da Santa Ceia e pouco antes da prisão de Jesus, no jardim de Getsêmani, na encosta do monte das Oliveiras em frente ao templo, quando Jesus foi pedir a Deus que afastasse dele o cálice amargo de seu destino; e Pedro, Tiago e João dormiram em vigília. *A Paixão* de Gibson apresenta a história anterior através de flashes do passado, durante a *Via Crucis*. O filme é uma síntese muito bem escrita dos evangelhos dentro de um roteiro original e um primor técnico de câmera e edição. Masss . . . a cena da prisão de Jesus tem uma luta de esgrima entre Pedro e o soldado romano que perde a orelha e uma fuga espetacular de Tiago. Há também o tempo gasto com a tortura física e moral de Jesus, os detalhes de crueldade corporal em primeiro plano e o sofrimento de Jesus exagerado. No final, no entanto, como em todos os filmes de ação em que o mocinho apanha muito, vem o castigo do vilão: o céu se escurece e um terremoto destrói o templo dos judeus, antagonistas da narrativa (Judas e os romanos de Gibson foram usados por Caifás). Deus só não acaba com tudo e todos (com um vingador dos filmes de ação) pois Jesus pede que perdoe seu algozes porque eles não sabem o que fizeram.

Também vale a pena observar a diversidade dramática de tipos do personagem Pôncio Pilatos, oscilando entre o descaso entendido e a

⁹ O Evangelho segundo João oferece maiores detalhes sobre os momentos da última ceia entre os capítulos 13 e 17, relatando o momento em que Jesus lavou os pés dos discípulos, os diálogos com os apóstolos, os últimos ensinamentos antes de morrer e a oração sacerdotal. Acontece que é justamente entre os capítulos 14 e 17 que o texto de estilo hebraico e descontínuo passa a ser mais helênico e racional – o que levanta a suspeita de ter sido inserido depois. Nos capítulos anteriores, o texto fala de três pascoas distintas – o que levou os historiadores a especulações sobre quantos anos durou o ministério público de Jesus. O capítulo 13, quando Jesus e os 12 apóstolos estão à mesa, corresponde ao padrão anterior, mas os 3 capítulos seguintes são uma longa palestra platônica.

simpatia por Jesus, que se vê forçado a soltar Barrabás, um inimigo declarado de Roma. O destaque fica para o ambicioso e burocrático Pilatos do Rei dos reis, que aspira a suceder seu sogro Tibério como César romano.

No encerramento dos filmes selecionados não há menções à Ascensão¹⁰ e a promessa de retorno no final dos tempos – presentes nos evangelhos de Marcos e Lucas. Todas adaptações cinematográficas seguem Mateus, que encerra a narrativa com a frase de que Jesus permanecerá todos os dias com os seus discípulos até o fim do mundo (Mateus 28:20). E de todas as interpretações deste final, faça-se justiça, a mais bela e inteligente é a da versão de Mel Gibson.

O Rei dos reis é o filme mais fiel ao texto de Mateus. Com sua preocupação com o contexto político da estória, ele é o único que relata que o sepulcro estava sendo vigiado por soldados romanos a pedido dos líderes judeus para que os discípulos não roubassem o corpo de seu mestre e fraudassem sua ressurreição. Porém, como se trata de uma narrativa histórica, não faz menção ao anjo que, segundo Mateus, abriu a porta lacrada na pedra.

Aliás, a exclusão deste trecho (apenas Pasolini coloca o anjo) bem como dos outros desfechos que enfatizam a Ascensão do corpo ressuscitado de Jesus aos céus (e de seu retorno escatológico no final dos tempos) demonstra a intenção dos cineastas de adaptarem a narrativa mítica original ao universo simbólico moderno, independente de sua realidade histórica. Assim, a Ascensão e o retorno de Cristo – fatos considerados históricos para o Cristianismo e crenças religiosas importantes para os seus historiadores – foram trocadas pelo final poético de Mateus porque este hoje parece ser um final mais verossímil para o gosto do público moderno.

¹⁰ A ascensão de Jesus é relatada nos Evangelhos de Marcos e de Lucas, além de constar no começo do livro de Atos dos Apóstolos, o qual também foi escrito por Lucas. Em Atos, Lucas narra que Jesus, após ressuscitar, apareceu durante quarenta dias aos apóstolos, passando-lhes ensinamentos e confirmando que receberiam o Espírito Santo. Prossegue o evangelista informando que, após esses dias, Jesus foi elevado às alturas até ser encoberto por uma nuvem. Marcos, em seu resumido Evangelho, apenas comenta que Jesus, depois de ter falado aos seus discípulos, foi recebido nos céus e se assentou à direita de Deus. É Lucas quem dá mais detalhes sobre esse momento, informando ter sido em Betânia que Jesus se despediu de seus discípulos, abençoando-os enquanto era elevado ao céu (Lucas 24:50-52).

De fato, a encarnação do verbo (a natividade) e a ressurreição da carne, o início e o final da narrativa, não parecem significativas para os cineastas. Importante é a vida e a morte de Jesus (para que enfoquem o humano e histórico) ou sua mensagem doutrinária (para os que enfatizam o aspecto simbólico da narrativa).

Conclusão

Observando os filmes selecionados percebemos que há, ao mesmo tempo, um aspecto simbólico e um aspecto histórico em cada um, embora eles escolham elementos narrativos diferentes.

Os filmes que consideramos históricos estão repletos de aspectos simbólicos. *O Rei dos reis* inscreve a narrativa em um ambiente simbólico de revolta social, *Jesus de Nazaré* como a estória de Cristo dentro de um quadro de referências judaicas. Ambos que querem chegar ao Jesus humano, mas apenas trocam a perspectiva tradicional dos evangelhos por uma narrativa contextualizada em outras tradições. Já *O evangelho segundo Mateus* é um caso especial, pois equilibra os aspectos humanos e simbólicos de forma perfeita, sendo o único dos filmes selecionados autorizado pelo Vaticano – o que em se tratando de um cineasta marxista e homossexual militante como Pasolini – é uma surpresa.

Por sua vez os filmes que classificamos como mais simbólicos tem elementos extremamente realistas. *Godspell* e *Jesus de Montreal* investem na mudança do contexto para o cotidiano atual, como forma de ressaltar a universalidade da mensagem de Jesus.

O homem que fazia milagres e *a Paixão de Cristo* apostam em bons roteiros e recursos técnicos para contar a estória dentro do padrão do gosto atual. Gibson é, inclusive, hiper-realista e alguns o classificariam entre os filmes de propensão histórica. Para nós, entretanto, ele apenas reproduz o modelo simbólico dos filmes de ação na estória de Jesus, atualizando e reforçando estrutura tradicional e ideológica construída em torno desta narrativa. Talvez os filmes que mais tenham se aproximado dos aspectos humanos tenham sido os que mais escaparam da estória original: *Jesus Cristo Superstar* e *A última tentação de Cristo*.

Quanto aos documentários, é preciso dizer que eles são construções simbólicas neopagãs e não desconstruções científicas do mito solar de

Jesus Cristo. É claro que o xamanismo e astrologia (ou a etnoastronomia, para ser mais preciso) estão na raiz de todas as religiões (e não apenas do cristianismo), mas é um exagero substituir o Jesus histórico por um cogumelo. A provocação, no entanto, é válida para despertar a consciência e melhor compreender o sagrado. Pois mesmo que Jesus não tivesse realmente existido historicamente, sua estória existe e tem uma importância crucial (desculpem o trocadilho) em nossa cultura.